Pianistas Portuguezas: D. MARIA DO CARMO BAHIA SANTOS

N.º 323 Lisboa, 29 de Abril de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:
Ano, $800—Semestre, $400—Trimestre, $200

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO 43

COMO DESENVOLVI O MEU BUSTO

E O AUGMENTEI DE 15 CENTIMETROS EM 30 DIAS

Depois de ter ensaiado pilulas, massagens, copas aspiratorias, assim como outros methodos diversos annunciados e recommendados, dos quaes não obtive o mais leve resultado

Methodo simples e facil que toda a mulher póde empregar em sua casa e que em muito pouco tempo lhe dará um busto formosissimo

POR MARGARETTE MERCIER

Como eu conheço a situação horrivel e humilhante de possuir um peito, secco e chato, de ter um rosto de mulher acompanhado d'um corpo de homem! E não tenho palavras para expressar a alegria que eu experimentei e o grande alivio que o meu espirito sentiu quando vi que o meu busto augmentára de 15 centimetros. Senti-me outra: era outro o meu ser, porque sem peitos, sabia que nem era homem, nem era mulher, mas sim uma especie de genero que participava dos dois sexos.

Com que desdem o homem não contempla a mulher cujo peito é chato como o seu. Uma mulher d'esse feitio poderá por ventura inspirar a perturbação e os sentimentos agitados que só pode suggerir a verdadeira mulher, aquela mulher que possue um peito redondo e formoso? De certo que não.

Esses mesmos homens que de mim se afastavam, essas mesmas mulheres que só por mim tinham despreso quando eu nem peitos nem busto possuia, tornaram-se os meus mais fervorosos admiradores apenas eu obtive o maravilhoso e surprehendente desenvolvimento do meu busto.

Foi então que, movida de compaixão pelas minhas companheiras, considerei que todas as mulheres destituidas de peito, poderiam aproveitar o meu descobrimento inesperado, usando dos mesmos meios para obter os mesmos resultados, e conseguir um busto egual ao meu busto d'hoje. Fui innumeras vezes enganada por charlatães e trapaceiros que me venderam toda a qualidade de drogas e apparelhos para desenvolver o busto; mas nem apparelhos nem drogas deram resultado algum. Fôram tentativas absolutamente inuteis. Resolvi pois evitar que as minhas irmãs em desventura fossem enganadas e roubadas durante mais tempo por esses trapaceiros e charlatães. E por isso aviso hoje a todas as mulheras que desconfiem de semelhantes velhacos.

O descobrimento do simples Méthodo ao qual devo o augmento do meu busto que, em consequencia d'esse tratamento alargou de 15 centimetros em 30 dias, foi unicamente dev do a uma feliz coincidencia, sem duvida preparada pela Providencia divina. Já que a Providencia dispoz a maneira pela qual eu poderia obter um busto maravilhoso, sinto que é para mim um dever divulgar esse segredo a todas as mulheres minhas companheiras que possam necessitar fazer uso d'ele, o uso que eu fiz com tão grande acerto e felicidade.

Enviai simplesmente um sello de 20 réis para a resposta e recebereis todas as mais completas informações pela volta do correio.

Certifico absoluta e positivamente que toda a mulher conseguirá desenvolver maravilhosamente os peitos em 30 dias e que poderá pôr em pratica esse tratamento com a maior facilidade, na sua propria casa e sem que as suas mais intimas amigas tenham disso conhecimento.

Dirigir toda e qualquer correspondencia ao INSTITUTO VENUS CARNIS A. HOCQUETTE, pharmaceutico de 1.ª classe, Boulevard de la Madeleine, 17, PARIS, divisão 273.

Conservae esta gravura e observae a maravilhosa transformação do vosso busto

P. S. — Aconselha-se com insistencia as senhoras que desejem obter um peito formoso que queiram dar-se o trabalho de escrever hoje mesmo porque a offerta que acima fazemos é uma offerta honrada e sincera, que tem por fim unico o desejo de comprazer as nossas leitoras e de proporcionar-lhes um beneficio. Madame Margarrette Mercier, não tira proveito algum d'estas transações mas terá a satisfação de fazer as nossas leitoras aproveitar gratuitamente da sua propria experiencia.

Toda a Senhora que receiar que o seu busto tome demasiado incremento, deverá suspender o tratamento apenas tenha alcançado o desenvolvimento desejado.

COUPON GRATUITO

para as leitoras da «Illustração Portugueza»

dando direito á expeditora a obter as mais completas informações sobre um novo extraordinario e milagroso descobrimento para aformosear e augmentar o busto.

Cortar este coupon hoje mesmo, e enviai-o com o vosso nome e com a vossa direcção a **A. Hocquette, DIVISAO 273, BOULEVARD DE LA MADELEINE, 17, PARIS,** em carta franqueada com um sello de 50 réis.

Senhora .....

Rua ..... *N.º* .....

Cidade .....

Provincia .....

A FEIRA D'ALELUIA

1—Chapeus e cestos de verga 2—Rendas 3—Barquilheiro!...

— Ela é bonita como um cravo!

—Doirado?

—Sim. De todo o oiro do sol!...

Desciamos então a grande escadaria do mercado, porque vinham trepando, com os cestos redondos e guarnecidos á cabeça, vivas e altas figuras de mulheres do povo, aldeãs.

—Imagine você que, tal qual como rebentos verdes de plantas, todos estes corpos que agora vemos em massa, brilhando, principiavam, estranhamente, a florir—matisados e novos!

— Amigo: como as de Cristo, essas idéas «não são d'este mundo...»

E fômos mergulhando na romaria alegre da feira pascal—a feira-mór, que, como um lençol largo de mar, se agitava e ampliava e circumscrevia, espelhada e alegre, desde as grades da escadaria até além, aos platanos verdes e já espessos, em abril, do primeiro campo dos arredores.

O mercado regorgitava, feliz como um jardim que ao sol se defendesse do vento. Lavradeiras de cesto á ilharga, atoalhado de fresco; velhos compradores torrados da cava, fincando o vergueiro na calcetaria; chapelinhos escarlates de agosto, coando as rêdes de sol; largos taboleiros de pão branco, em roscas, n'uma multidão; vendedeiras de Braga, anafadas, chapeu de palha sobre o lenço solto de chita, vermelhas do regateio; gente que ia e vinha, nu'ma maré elastica e rumorosa, n'uma balburdia de Pascoa farta—polieromando a praça—tal o arraial, tal a festa!

Rodando da escadaria, á direita, logo se lhes aprazia feirar ás carqueijeiras de S. Martinho do Campo, viuvas do serrado que tragam as leguas, pela madrugada, e que nas feiras se representam pela gente mais velha e mais feia do logar. Em dias isolados rondam a cidade, apregoando, com o longo mólho oval á cabeça: — «Quem compra a carqueija?...» O seu pregão é bravio e lento e precoce como um canto amoroso de rôla!... E aos sabados acampam em todo o dia nos mercados, onde debicam, sobre a borôa, aninhadas, o rabo chamuscado de uma sardinha.

—«Quem compra a carqueija?... Quem compra a carqueija?...»

Seguiam-se-lhes na feira, lambidas pelo fogo e como enroscadas por sua propria e curiosa vontade, as grandes roscas fortes do pão branco, que alastram em redor das saias das vendedeiras, sobre largos e entopados lençoes de aldeã. — «Feire, menina, feire! Olhe!...» As roscas vêm á praça n'esse dia como que a justificar todo o arraial do mercado! Pascoa farta, alegre, vistosa; Pascoa que os padrinhos mergulham, na faina do alvoroço, como torpêdos em vivas aguas de maré cheia. Entre mil côres, aqui e ali feiram-se as roscas de consoada. — «Olhe, feire; venha ás roscas!» Lavradeiras economicas marralham. E por vezes um bando de aldeãos, pronto e servido, recordava uma alegoria á festa pascal, voltando de rosca trigueira e fresca enfiada no braço seco de cavadores.

—«Cebolas, alhos, espadelas!»

—E' verdade!...Parece tudo isto uma «exposição» agricola do Minho. Essa exposição sonhada realisar em Lisboa!...

1—Pão branco 2—A feira da aleluia 3—Almotolias

—Por um poeta que não tem dez réis de seu...

—Tambem é verdade!...

Ouviam-se as cordas de arame dos lavradores ensaiando a «vareira» na tenda de um violeiro. — «Deite o mote!» dizia um tocador para o rapaz seu companheiro. A rapariga das cebolas, com os dentes ao sol, contente, já não ouvia as perguntas dos freguezes, suspensa pela promessa!... N'um cortiço ao lado as rócas apertavam-se como uma mólhada de foguetes para atirar ao sol. Passavam senhoras de aldeia com muitos azues, muitos verdes e muitos encarnados, de sombrinha panda sobre os cabelos em canotilhos, processionaes. Um maduro rompeu ao encontrão com o cavaquinho n'uma festada e o cordão lançado á hombreira. — «Feire os alhos. Menina, olhe: feire os alhos!...»

Entre o rumôr dos socos, dos gritos, dos pregões, e saltando sobre o cesto que atravancava uma «rua», por detraz do cordão rumorante do povo, espalhava-se logo, verde e nova, a alea fresca das hortaliças cheirosas e repassadas do orvalho d'essa abrilina manhã pascal, ao contacto das quaes, em moitas fofas de presente, se aninhavam os ramos alegres de malmequeres, lirios, azalias rubras e embebedados rainunculos côr de vinho —que taes eram as riquezas espontaneas da terra então acordada, na primavera!

—«Quem quer comprar a sua sina... Tirada por um passarinho... Custa cinco réis cada sina, meninas!...»

E no quarteirão fronteiro, ao poente do mercado, uma galeria de barrotes cinco vezes encruzando no mastro de pinho da terra, expunha, sob ingenuos frisados de prata, os ramos escarlates, azues, vivos, de oiro, com que no campo, pela manhã seguinte, o povo prendava a Véra Cruz do «compasso» pascal! Eu não sei em que paiz do mundo, por mais tipicos que sejam os seus ruraes, existe uma arte decorativa tão expressiva da enorme e constante graça ambiente, cheia dos reflexos panoramicos da provincia cantante e sempre moça, e do mimoso estado afetivo em que se singularisam, em tempos taes como os correntes, as almas infantis dos camponios. Essa arte que reproduz em flôres todas as côres sobre que o sol obtem estridencias, claros sons de vigor e graça, sugere ser um espelho moral e fidelissimo em que passam, não sómente as almas de um povoado, com suas verdes faias circumscrevendo o reduto fertil de um vale, mas as almas todas e todos os rios, arvores e montanias de uma provincia que o sol, sobre todas, adora!...

—«Pregos de oiro, menina! Feire o palmito de Braga!»

Das flôres para lá, para o fundo aquatico dos salgueiros esquecendo-se á

luz brilhante do dia, uma multidão de côres, como ardendo, movia-se ao tumulto da ranchada da feira, esfusiante, alacre, movida e quasi prestes a sirandar, a cantar! Do passeio do «quarteirão» em deante, galinhas, fusos, rócas, mantas de farrapos, estopa em rama, estrigas assedadas, pombos, coelhos, gaiolas, peixe!... E as côres ondeando nas saias, flutuando nos lenços, movendo-se em aza nos chales—côres de abril a que a nodosa vigorosidade dos troncos de arvores, estacados sobre a multidão da feira, davam o negro contraste das coisas ainda não despertadas, entre a graça rural, quasi mordente, das frescas policromias de uma estação alegre, reproduzindo-se!—creavam uma gama contente, nada vulgar e tão «certa», tão caracteristica, que aprazia requerer nervosa, inquietamente, os vitraes alacres em que as policromias resultam quasi eternas.

—«Rócas! Fusos! Olhe!... São de nogueira! Olhe!...

N'uma das margens do mercado, então, a feira expirava, junto de onde os gericos de albarda derriada descançavam; mas não sem o rumôr de costa em continua fremencia e desdobro de vagas, animada! Em sacos esguios ou soltos, acamados pelo terreiro, os chapeus de palha expunham-se, irrompiam de todos os lados: amarelos, de barras azues e côr de vinho — que abril era chegado! Na terra moiritavam-se lavras, regavam-se linhos, cavavam-se feijões. Sol de abril—perigos mil—requeria resguardo. E sobre as faces quentes das lavroscas — penujentas faces de marmelo carnoso e apetitoso — o chapeu de aza deverga, seguro e movel, tinha o supremo condão de, sob estiagens vermelhas, tornar fundos os olhos azues das raparigas e acinzentar de uma perturbação canicular as sombras do meio «loup» que a palha quente das azas, desenhava.

De roldão pela porta do mercado, o povo saía apressado e forte e contente! Toldos de sarja, ao sol, era como resguardos de uma batalha ferida entre irmãos, n'um mesmo acampamento. De cima, do alto, das grades, a feira ao longe revolvia-se como antes, viva das mesmas côres, do mesmo rumôr, da mesma ancia. E santeiros galegos chamavam agora os olhos e os dinheiros para as estampas religiosas enlinhadas sobre claros lençoes, pela parede de um muro. Tendas pequeninas de ganchos, de rendas, de espelhos de bolso, de pentes, de «crochet», de alfinetes, trepavam a ladeira, unidas umas ás outras, como a rama de um fogo. Pela rua de comercio, das janelas aos passeios, desdobravam-se as chitas e os guarda-soes, as castorinas e os lenços, as meias e os bordados. E lá ao fundo, em frente ao jardim, como um efeito de espelhos luminosos alegrando as turbas de um arraial, cangalhas de obra de folha, refletidas do sol, dardejavam e inflamavam esse «terminus» ainda mais vivo que toda a feira, do abrilino meio dia alelueiro! ALFREDO GUIMARÃES.

1—Cebolas. 2—Rocas. 3—Fusos. 4—Chapeus de palha.—(Clichés do sr. Luiz do Souto)

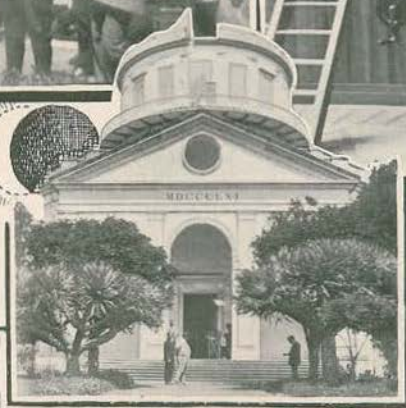
FIGURAS E FACTOS

1—S. Ex.ª o Presidente da Republica com alguns professores do curso Superior de Letras 2—O chefe do Estado á saida da Faculdade de Ciencias. 3—Na Faculdade de Ciencias: o chefe do Estado com o corpo docente. 4 e 5—Os diretores da Sociedade Portugueza de Automoveis: Sr. Carlos Bleck e o engenheiro sr. Rodrigo Peixoto. 6—O carro automovel para o transporte de passageiros entre Coimbra e Ceia, construido com materiaes portuguezes pela Sociedade Portugueza de Automoveis.

O ECLIPSE DO SOL

O eclipse do sol foi visivel em Portugal, sobretudo em Ovar e em Penafiel, onde estiveram muitos astronomos estrangeiros.

Em Penafiel ás 11 horas e 43 minutos o eclipse foi total. Em Lisboa os aspetos eram muito curiosos; por todos os pontos se viam



1—No Jardim de Santa Catarina2—O sr. Frederico Oom no Observatorio da Tapada 3—O Observatorio da Tapada d'Ajuda 4—Observando o eclipse nos lagos do Rocio

1—Em Ovar: Os astronomos inglezes no caminho do acampamento de Maceira. 2—O astromo francez Salet dando os apontamentos das suas observações aos astronomos russos e ao portuguez. 3—Efeitos da sombra em S. Miguel no acampamento portuguez. 4—O astronomo inglez Worhintgon fazendo os seus calculos. 5— Em S. Miguel a porta da quinta onde estava a missão portugueza.

pessoas olhando o sol atravez vidros fumados. Da Universidade de Coimbra foi uma delegação de alunos a Ovar onde estabeleceu postos para a analise do fenomeno sob a direção do ilustre professor sr. dr. Costa Lobo. Fizeram-se tambem trabalhos nos varios observatorios do paiz onde foram tirados clichés.

1—Observando o eclipse na praça em Ovar. 2—Em Ovar: O sr. Pierre Salet do observatorio de Paris regulando os seus aparelhos. 3—Junto ao mercado de Ovar: Curiosos do fenomeno. 4—Um dos postos auxiliares de observações onde trabalharam alunos da Universidade de Coimbra. 5—Depois do eclipse: Os astronomos russos, francez e portuguez regulando o telescopio para examinar protuberancias do Sol. 6—Dr. Costa Lobo (1) lente da Universidade, engenheiro Greenfield de Me[illegible] (2) os astromos russos e francez e os alunos da Universidade no acampamento russo depois do eclipse.

1—Em Macaira: Os astronomos inglezes Slatter e Worthington no seu acampamento. 2—As alunas do liceu d'Aveiro em Ovar 3 e 4—Ovarinas olhando o sol momentos depois do eclipse em S. Miguel, onde se instalou a missão portugueza

O eclipse na Marinha Grande: O sol fotografado tres minutos depois da fase culminante do eclipse, atravez d'um vidro verde ficando escuro o crescente luminoso. (Cliché do distinto fotografo-amador, sr. João de Magalhães)

1 e 2—O fenomeno observado em Penafiel momentos depois da fase culminante do eclipse. 3—A missão da escola naval que foi analisar o eclipse ao alto do Picoto a 1 kilometro de Vila Meã; 1.º plano aspirantes srs. Juliano de Carvalho, Ermelindo de Carvalho (1.º tenente) José Nunes da Maia (diretor da Escola Naval) Antonio Prestes Salgueiro, Antonio C. Lima. 2.º plano: srs. João Santos Moreira, José Mascarenhas e Menezes e Antonio da Conceição Rodrigues.

Camilo Flamarion descreve assim o eclipse «Diametro da lua ligeiramente inferior ao do sol. Montanhas lunares projetadas sobre o anel solar produzindo os grãos de Baily em volta do disco. Venus visivel durante vinte minutos, Mercurio sómente um instante.» Fizeram-se fotografias das duas protuberancias do sol de 80 a 100:000 kilometros d'altura sobre o limbo boreal, vendo-se o disco lunar destacado da corôa solar.

No observatorio do infante D. Luiz constatou-se que as duas curvas quasi se encontraram ás 16 horas e 38 minutos provando-se assim que a irradiação solar passou n'esse momento por um valor quasi nulo.

4—Os astronomos inglezes Bachoowse e Scharpi dirigindo-se para o local onde observaram o eclipse em Penafiel. (Clichés Pereira Cardoso) 5—Observando o eclipse no Monte Sameiro. (Clichés de Vitorino Melo)

NO SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
· A · EXPOSIÇÃO · KEIL ·

S. Ex.ª o Presidente da Republica, com o seu secretario, sr. Henrique Barros e o sr. Luiz Keil filho de Alfredo Keil na exposição de telas e desenhos do grande artista—(Cliché de Benoliel)

Pianistas Portuguezas

Desde a creação do Conservatorio de Musica na Casa Pia de Lisboa, em 5 de maio de 1835, sendo nomeado diretor João Domingos Bomtempo, o mais celebre professor e afamado pianista portuguez d'aquela época, o estudo e o gosto pelo piano teem-se desenvolvido entre os nossos artistas e amadores de musica, principalmente as senhoras.

Um numero consideravel de pianistas notaveis e talentosos ha a registar em Portugal desde então até hoje como temos tido ensejo de apreciar nos concertos realisados nos salões da «Ilustração Portugueza», do Conservatorio de Lisboa e da Academia de Amadores de Musica.

Ao Conservatorio da Casa Pia foram anexados em 1836, pela Inspeção Geral dos Teatros, os cursos de dança e de declamação; e, passados dois anos, em 1838, reuniu-se-lhe uma academia de literatos, musicos e outros artistas, formando-se então o atual Conservatorio de Lisboa, cuja influencia sobre a musica em especial e recentemente na arte dramatica se tem feito sentir no nosso meio artistico, devido aos esforços envidados, já por Eduardo Schwalbach e dr. Julio Dantas, já por Francisco Jorge Baía, pianista distinto e atual diretor interino do nosso Conservatorio.

Voltando ás cronicas da época do inicio do Conservatorio de

1—Sr.ª D. Adelaide Sabido Costa
2—Sr.ª D. Inez Barroso
3—Sr.ª D. Leopoldina Alvarez

Sr.ª D. Ilda Seabra Martins

Sr.ª D. Alice Areal

Sr.ª D. Maria da Conceição

Sr.ª D. Julieta Parreira

Sr.ª D. Emilia Sabido da Costa

de Musica, deparamos a cada passo com o professor Domingos Bomtempo.

Depois de Marcos Portugal, nenhum dos nossos musicos logrou maior fama europea do que aquele ilustre pianista, sendo aclamado e reconhecido até pelos publicos de Paris e Londres entre as maiores celebridades do seu tempo.

Em 1839 um outro notavel professor de piano, nascido no Porto, se evidenciou brilhantemente. Foi João Guilherme Daddi, que realisou n'essa época uma triunfal viagem artistica ás principaes cidades de Hespanha, França e Inglaterra. E não só pianista foi tambem Guilherme Daddi compositor musical, estreiando-se com um «Té-Deum», cantado na Sé, em 23 de setembro de 1833 para festejar o desembarque em Lisboa, depois do agitado periodo politico de 1828 a 1833, da rainha D. Maria II. Daddi adquiriu o habito de escrever musica, dedicada ás pessoas reaes, a proposito de qualquer facto, fôsse aclamação, casamento, regresso de viagem, restabelecimento de doença ou falecimento.

Era um artista distinto, porém, nem sempre poupado pela critica, quanto á originalidade das suas composições.

Outros professores da escola de

piano estiveram em voga em épocas passadas, taes como Eugenio Mazoni, Manuel Inocencio dos Santos, Francisco Migoni, Daniel de Sousa Amado, Emilio Lami e madame Marin Girard. Recentemente José Vieira, Francisco Baía, Marcos Garin, sendo estes ultimos professores do Conservatorio de Lisboa, Viana da Mota, Timoteo da Silveira, Alexandre Rey Colaço, Hernani Braga e tantos outros, ocupam logares proeminentes não só em relação ao nosso meio artistico, mas ainda ao estrangeiro. Da escola d'estes inumeras professores imensas pianistas tem saído que enaltecem o nome portuguez taes como D. Maria do Ceu Mendes, residente em Vizeu, tia de madame Relvas, nossa ministra em Hespanha; D. Maria da Gloria Castanheira, que se encontra em Coimbra lecionando o piano; D. Sofia Segurado, D. Elvira Matos Carneiro, mesdemoiselles Jeanne Rey Colaço e Marie Henriqueta d'Horth, devendo esta ultima seguir em breve para a Alemanha a completar os seus estudos de piano; D. Elisa Batista de Sousa, amadora com fóros de artista; D. Otavia Stromp, D. Ernestina Freixo, D. Sara Mota Vieira Marques, D. Palmira Batista Mendes.

Ainda ha pouco tempo tivemos ensejo de apreciar no salão da «Ilustração Portugueza» a sr.ª D. Palmira Mendes n'um concerto organisado com as suas discipulas e outros eximios cultores da arte musical.

E' justo que citemos ainda os nomes de outras senhoras que se afirmam notaveis pianistas, como D. Maria Izabel Pacheco Soares, D. Ofelia Freire, D. Maria Antonina Moreira, D. Maria Ferraz Bravo, D. Maria Gonçalves, D. Maria Reis, D. Amelia Costa, D. Beatriz Vasconcelos, D. Manuela Santiago, D. Izaura Lambertini, D. Maria do Carmo Baía Santos, D. Izaura

1—D. Aida da Silveira 2—Menina Maria Amelia Xavier Frazão. 3—D. Elisa Silva. 4—D. Sara e D. Ester Amancio 5—D. Izabel Toulson. 6—D. Maria Pinheiro dos Santos, discipula do professor Baia, pensionista do estado no Conservatorio de Gurickx (Belgica)

Mademoiselle Lambertini

Sr.ª D. Fernanda Freitas

Ribeiro da Costa, D. Maria Adelaide Santos Lopes de Mendonça, D. Maria Correia Alves Dias e D. Maria Pinheiro Santos, atualmente pensionista do Estado na Belgica, onde frequenta o curso de aperfeiçoamento de piano.

Sem duvida que n'esta enumeração haverá omissões de nomes de senhoras que ocupam logar distinto de pianistas. Nem nos propuzemos a reunil-os todos n'este artigo, que visa apenas a registar o brilhante desenvolvimento do estudo de piano entre nós, com uma homenagem de carater geral prestada a quantos para isso tem contribuido com o seu talento e o seu trabalho.

Sempre que tenhamos ensejo de reparar quaesquer lapsos e de prestar homenagens especiaes, aproveital-o-hemos com o maior prazer e espirito de justiça.

D. Branca Belo de Carvalho

Sr.ª D. Isaura Ribeiro da Costa

Sr.ª D. Beatriz Correia

Sr.ª D. Maria Luiza Martins, distinta professora

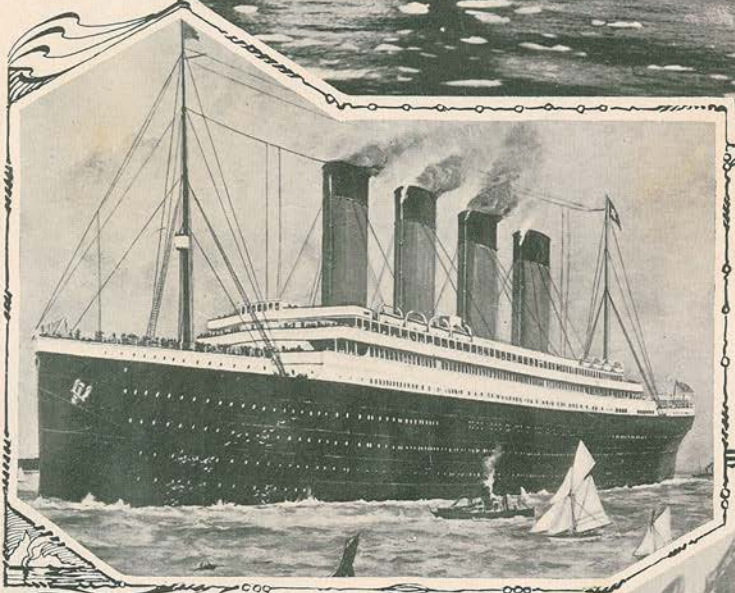
Sr.ª D. Otavia Stromp, uma das mais distintas discipulas de Viana da Mota

O Naufragio do Titanic

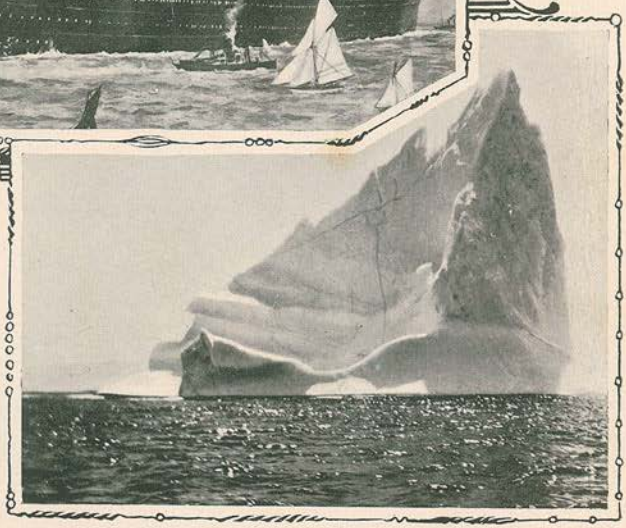
Um escritor americano em 1908 imaginára essa estranha catastrofe d'um navio colossal chamado *Titan* e que seria abalroado por *icebergs*. Passados quatro anos o facto terrivel deu-se com o *Titanic*, o maior navio do mundo, comandado pelo capitão Smith, levando a seu bordo milionarios e celebridades e que a trezentas milhas a sudoeste do Cap Race foi tocado por um formidavel *iceberg*.

Durante duas horas o gigante se debateu, sendo salvas 868 pessoas das 2:358 que conduzia.

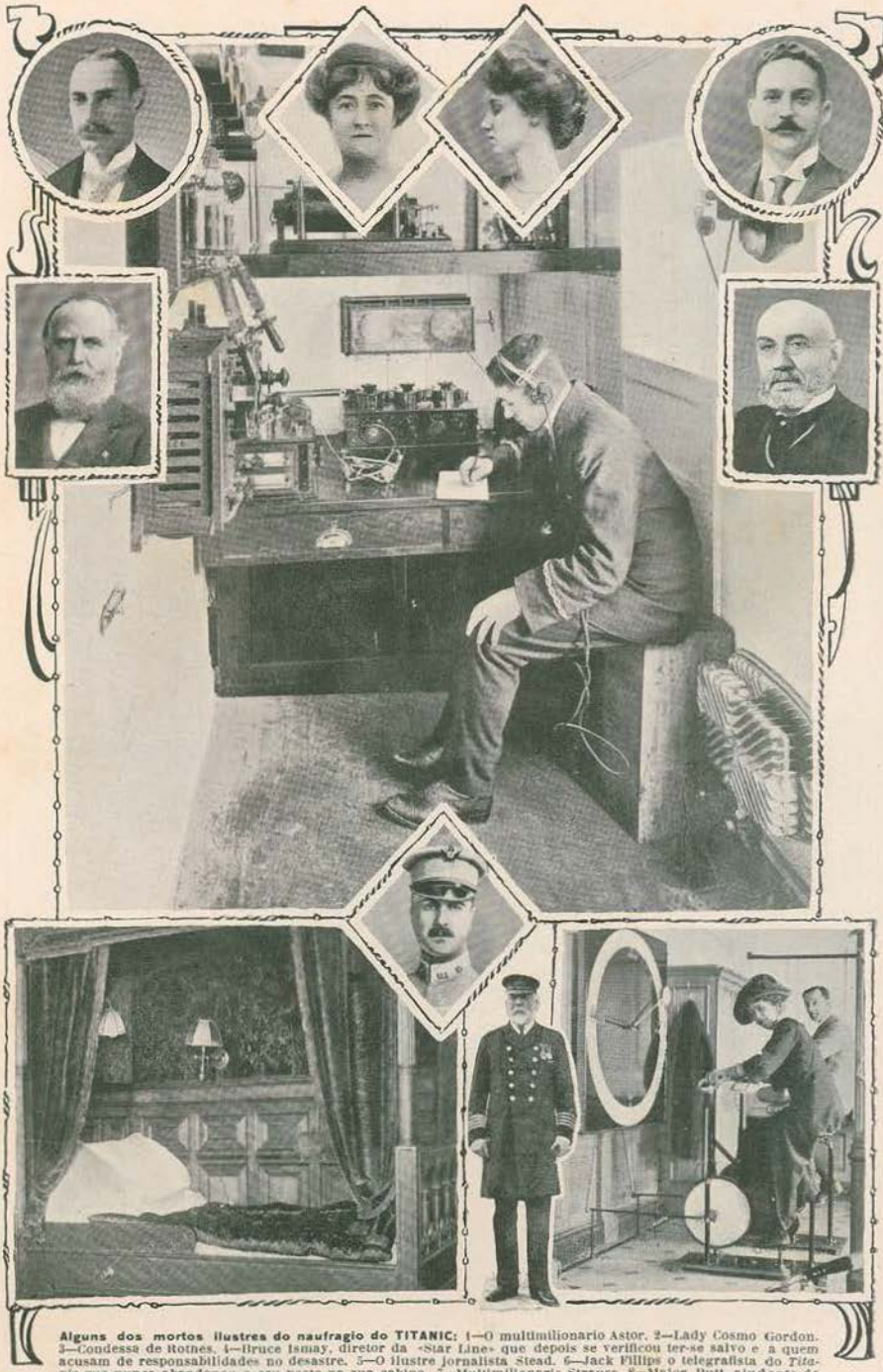
O *Titanic* tinha 268 metros de comprido, deslocava 46:382 toneladas e custára aproximadamente nove mil e duzentos contos de réis, estando seguro em metade do seu valor.



2—O *Titanic*



e 3—Os *icebergs*



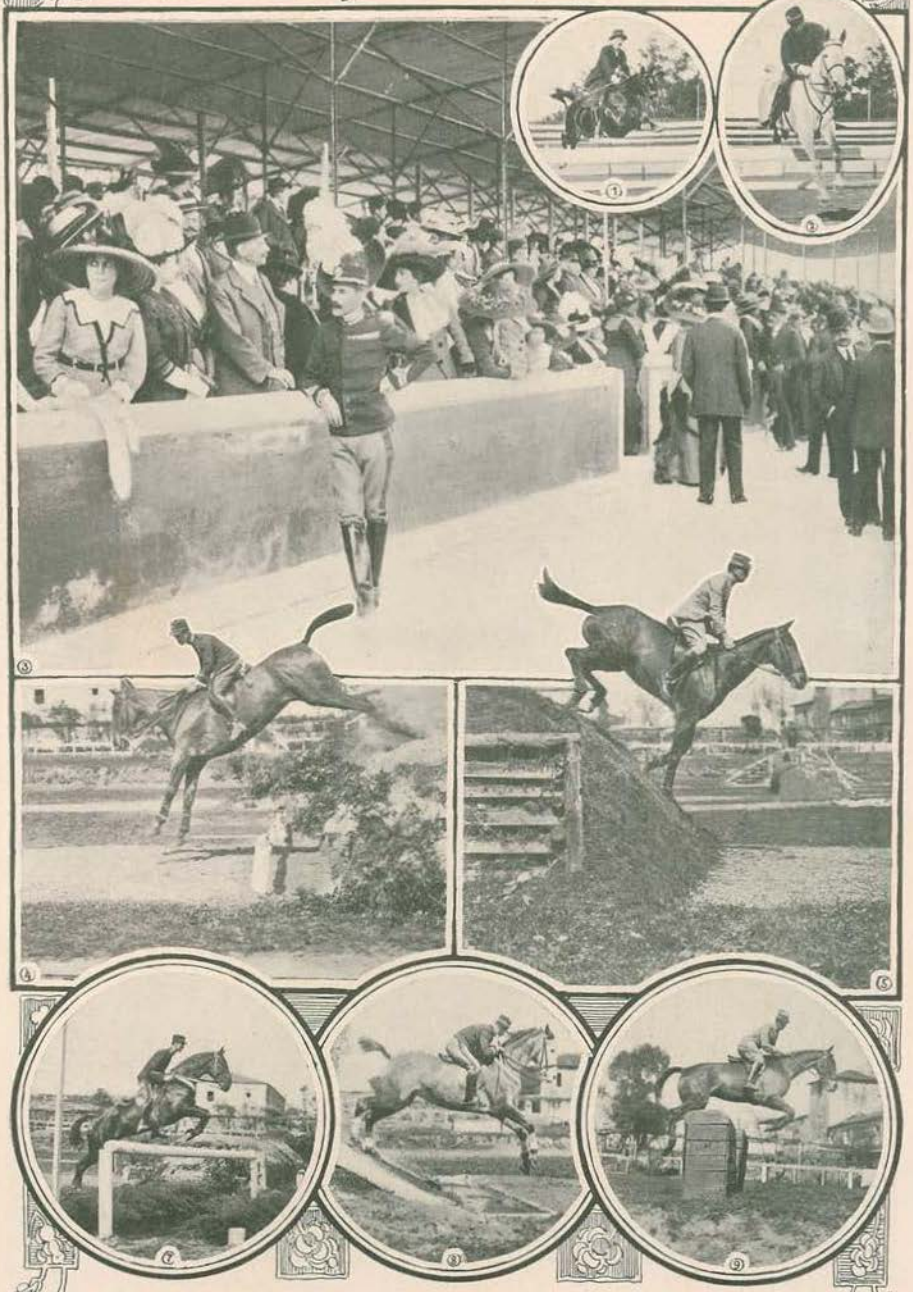
Alguns dos mortos ilustres do naufragio do TITANIC: 1—O multimilionario Astor. 2—Lady Cosmo Gordon. 3—Condessa de Rotnes. 4—Bruce Ismay, director da «Star Line» que depois se verificou ter-se salvo e a quem acusam de responsabilidades no desastre. 5—O ilustre jornalista Stead. 6—Jack Fillips o telegrafista do *Titanic* que nunca abandonou o seu posto na sua cabine. 7—Multimilionario Strauss. 8—Major Butt, ajudante de campo do presidente Taff. 9—Interiores do *Titanic*: Um quarto de luxo. 10—O capitão do *Titanic*, Smith que se dizia ter morrido mas que noticias recentes dão como salvo sendo o ultimo a sair do navio. 11—A grande piscina de bordo

O JURAMENTO DE BANDEIRA NA GUARNIÇÃO DE LISBOA

1—Em infantaria 16: O professor do regimento falando aos soldados. 2—O general comandante da divisão, o chefe do estado maior e ajudantes assistindo ao juramento de bandeira em artilharia 1. 3—O juramento de bandeira das praças da companhia de saude na parada de infantaria 16 4—Em infantaria 16: a convalescença á bandeira. 5—Em artilharia 1: O professor sr. Eliseu de Campos discursando.

(Clichés de Benoliel)

CONCURSOS HIPICOS



1 e 2—Uns belos saltos. 3—No concurso hipico de Palhavã: Trecho da assistencia. 4—No concurso do Porto: *Flesca-Argentino*, salto de banqueta e vara pelo cavalo do alferes Moura Borges. 5—No concurso do Porto: Descida da passagem pelo cavalo do alferes Costa Junior. 7—Salto de vala pelo cavalo do aspirante Piçarra. 8—*Sido*, o cavalo do tenente Sousa Barreto saltando a cunha e vala. 9—Salto de muro pelo cavalo do alferes Costa Junior. (Clichés do sr. C. Pereira Cardoso)

O PRESIDENTE DA REPUBLICA
VISITA A ESCOLA MEDICA

1—No museu da escola. 2—O chefe de Estado á saida da escola com o corpo docente e os alunos
3—No laboratorio. 4—No amfiteatro. (Clichés de Benoliel)

SPORTS

1—*Ponta Delgada:* Os jogadores do torneio de *foot-ball* dos Clubs «Fayal Sport» e «Academico». (Cliché Henrique Costa)
2—*Castelo Branco:* No campo. 3—Trecho da assistencia nas festas desportivas. 4—A assistencia. 5—Sr. Trajano Ziuk professor do liceu de Castelo Branco e promotor das festas desportivas academicas.

FIGURAS E FACTOS

1

Rima do Outôno

Na nudez sufocante do ar dormente,
no respiro subtil que a muito custo
a Natureza evola,
esvae-se em ritmo a linha do teu busto
emoldurado n'um perfil de rôla...

Escuta, meu Amôr!
Ao longe, na candura transparente
do oiro que flutua,
crescem da poeira evocações de sonho
em musicaes ondeações de lua.
Escuta! eu quero que oiças e surpreendas
como balouça n'esta poeira d'oiro
o ritmo esparso e vago das legendas
das éras de divina claridade...
como que ainda um roçagar de clamide,
ou de purpura, ou rendas,
alguma cousa ainda da Edade-aurea
que se desfez em pó... ou sonhos... ou Saüdade!...

No ar dormente, as fôlhas sêcas
tombam de sôno, lentamente.
Folhas d'outôno tombam de sôno
no ar dormente...

E entretanto,
no murmurio da brisa que se evola
todo em fluidéz ondeante, de oiro e pranto;
em cada nota lugubre de viola
que o outono desfere,
e rôla, e vóga, em ritmos de perfume...
na turva evocação, lendaria, do sol-poente,
ha uma curva, um traço, algum contôrno d'aria,
um misterio qualquer,
qualquer coisa de aéreo — e augusto, que resume
todo o sonho outonal da Natureza
na harmonia subtil do teu busto... mulher!

Coimbra 1911.

2

3

AS LAVADEIRAS

As lavadeiras lavando
E cantando, as lavadeiras
Entôam, de quando em quando,
Para esquecer as canseiras
E assim as ir enganando,
As suas canções ligeiras.

Cantigas ao ar soltando,
A' chuva, ao sol ou ao vento,
As lavadeiras cantando
Não descan am um momento:
Cumprem seu fado lavando
—Negro fado que tormento!

São as cigarras do rio
As lavadeiras cantando:
Cantando ao calor, ao frio,
O rio vão embalando
Que caudaloso ou em fio
Quasi se queda escutando.

3

4

Vestidas de vivas côres,
Viçosas, cheias de graça,
São um canteiro de flôres
No rio que as rega e passa.
E tem com elas amores,
Pois, quando passa, as abraça.

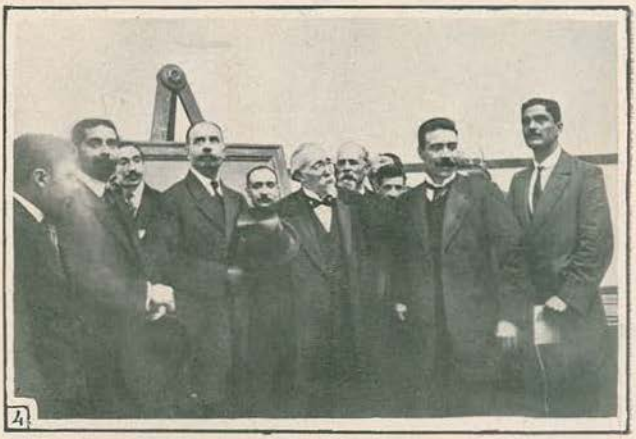
Abraça-as languidamente
E dá-lhes beijos de espuma
O rio, seu confidente;
Abraça-as uma por uma,
Mas o rio é como a gente.
Passa e não escolhe nenhuma.

E os anos vão-se passando,
E lavando, as lavadeiras,
Sempre lavando e cantando,
Pelos rios e ribeiras
Lá continuam soltando
As suas canções ligeiras.

1—Sr. Nobre de Melo autor do livro *Ritmos do Amor e do Silencio*, que vae aparecer em breve e de que extraimos a elegante composição *Rima do Outôno*. 2—Depois do casamento da sr.ª D. Adelina Amelia Duro Xavier com o sr. José Lobo Garcez Palha d'Almeida na egreja de Santos: Os noivos e os convidados. 2—Sr. José Coelho da Cunha, autor do livro *Terra de Sol* de que se extraiu a mimosa poesia *As Lavadeiras* que inserimos. 3—Sr. Abrahão Bensaude, grande capitalista, falecido em Paris. 4—Reverendo conego, Julio da Silva, falecido em Lisboa.

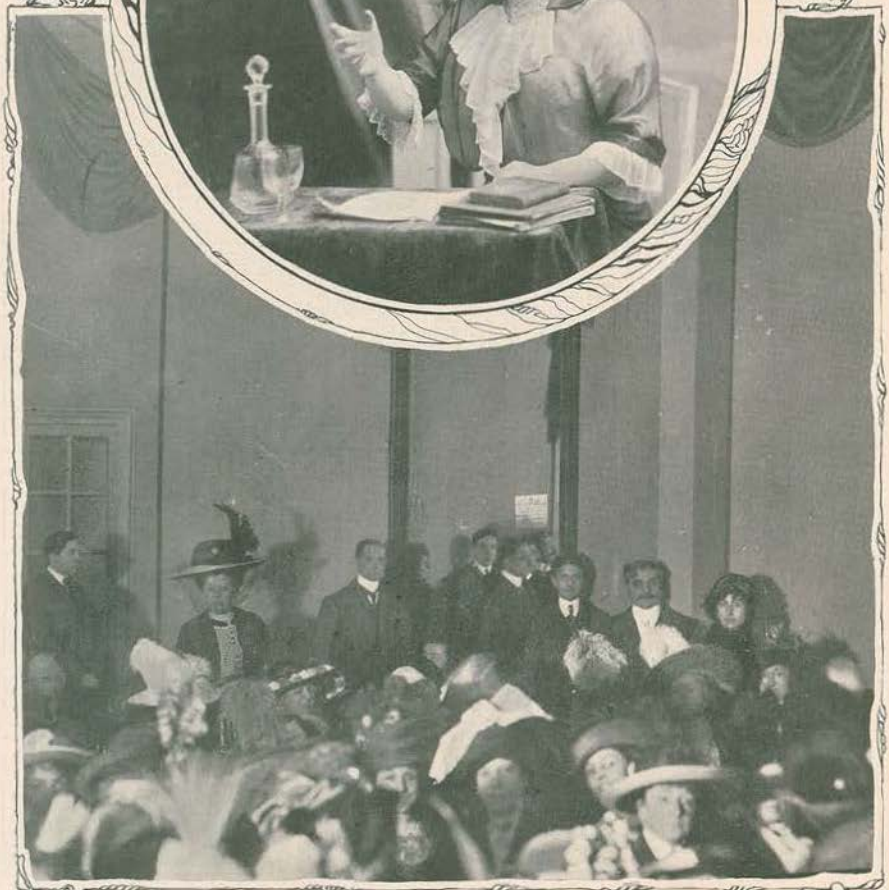
1—A fachada do *Seculo* que os caixeiros de Lisboa visitaram em 21 de abril. 2—O sr. Agostinho Fortes que fez uma conferencia no salão da *Ilustração Portugueza*, quando da visita dos caixeiros ao *Seculo*, com os promotores das digressões de estudo. 3—Os caixeiros de Lisboa na visita ao *Seculo*: saida dos pavilhões das oficinas. 4—O director do instituto dos pupilos do exercito sr. capitão A. Figueiredo. 5—Os pupilos do exercito na sua escola de S. Domingos de Benfica. 6—A nova instalação do Registo Civil, na Calçada do Marquez de Tancos. (Cliches de Benoliel)

O promotor e os interpretes da festa do dia 21 no Salão da «Ilustração» 1—Sr.ª D. Maria Antonina Moreira, pianista. 2—Sr.ª D. Maria Izabel Pacheco Soares, pianista. 3—O pianista sr. Timoteo da Silveira, promotor da festa. 4—Sr.ª D. Ofelia Freire, pianista. 5—Sr. João Queriol, pianista. 6—Ator Antonio Pinheiro, autor do livro *Ossos do Ofício*... 7—O ilustre ator Le Bargy que representou *Le Duel* e *Le Marquis*, de Priola, no Republica. 8—Dr. Manuel Monterroso autor do album *Bilhetes postaes illustrados*. 9—*A comissão organisadora da delegação da Cruz Vermelha em Vianna do Castelo*, a primeira fundada no paiz: Da esquerda para a direita (sentados) srs. Albino Peixoto, dr. João Espregueira da Rocha Paris, Palhares Viana, padre José Mendes d'Abreu. De pé, srs. Augusto José Martins, Alberto Fernandes Mourão, Bruno Lombo, Moraes da Mota, Pimenta Barbosa e Paes Albon



1—No liceu Passos Manuel: O Presidente da Republica com os estudantes. 3—O sr. dr. Lambertini Pinto, primeiro secretario de legação que prestou grandes serviços á Republica como encarregado de negocios em Roma, onde opoz a mais brilhante e tenaz defeza do bom nome de Portugal ás campanhas que contra ele ali se levantaram.
3—O Coronel sr. Amancio de Alpoim, falecido em 18 d'Abril. 4—A visita do chefe do Estado aos liceus: No liceu *Passos Manuel* o chefe do Estado com o corpo docente e o ministro do interior. 5—O sinal luminoso indicador da hora no Arsenal a bordo do *Capitania*: Os engenheiros verificando o bom resultado das experiencias. 6—No antigo observatorio da Escola Naval onde se colocou o sinal luminoso—(Clichés de Benoliel)

A CONFERENCIA DA ILUSTRE ESCRITORA D. OLGA SARMENTO EM PARIS



1—A sr.ª D. Olga Sarmento fazendo a sua brilhante e aplaudissima conferencia *A Patria Portugueza* sob a presidencia da duqueza de Uzès. 2—Aspecto da assistencia distinta á conferencia de D. Olga Sarmento.

Depois da conferencia: No salão de madame Souza Costa (Folgosa) a distinta escritora reuniu n'uma festa os seus amigos de Paris. Ao fundo vê-se D. Olga de Moraes Sarmento, o grande maestro Massenet e madame Souza Costa

UM RECANTO DO MINHO

A VERDADEIRA VIDA NO PRESBITERIO

Monsenhor Constantino da Cunha Barros, abade de Fontoura, no adro do seu presbiterio

Como temos ainda vivas as agradaveis impressões colhidas n'esse recanto dos mais pacificos e naturalmente belos do Minho!

Uns estudos historicos levaram-nos a Valença para consultar uns livros da camara eclesiastica. Para que nos fôsse franqueado o arquivo era precisa uma licença do vigario geral, o abade de Fontoura, monsenhor Constantino

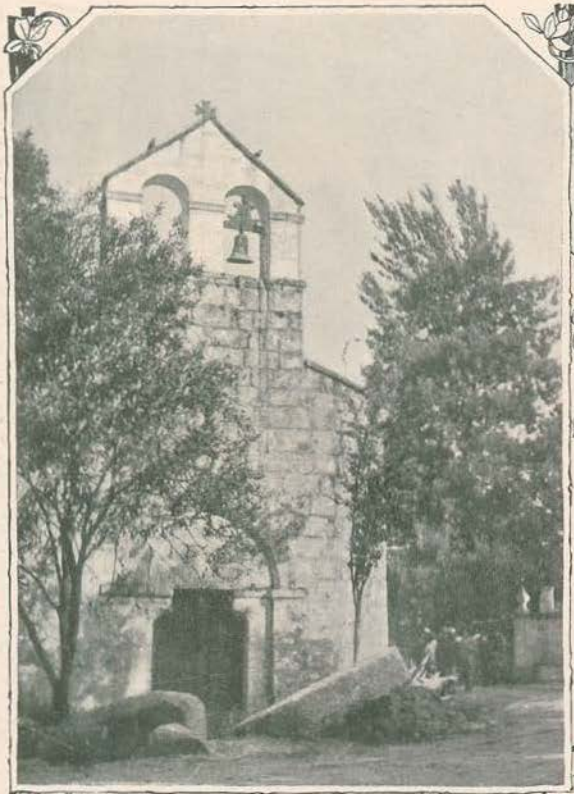
1—A casa da residencia paroquial de Fontoura. 2—Monsenhor Constantino de Barros e uma das suas sobrinhas n'uma das ruas do jardim.

os lados espessas cameleiras, talvez mais formosas do que as de Cintra, floresciam carinhosamente sobre as lousas mortuarias. Ao fundo, esgueirando-se de entre os abraços sofregos da verdura, via-se o alto da egreja com a sua torre, os seus sinos, a egreja tipica da querida aldeia de todos nós. Ao meio do adro erguia-se uma enorme cruz de pedra com um destaque dominador. Todo aquele conjunto, iluminado por um sol vivissimo, que saturava o ambiente de uma lucilante poeira d'ouro, e refrescado pelo ar fino que se precipitava das serranias, levou-nos a assestar o kodach para fixar o que os olhos abarcavam tão avidamente. E o abade, compreendendo o nosso desejo, tirou o chapeu, chegou-se para a cruz e pousou-lhe a mão no pedestal com um movimento nobre e firme, onde ia toda a alma de um crente.

Monsenhor Barros era já então um d'estes homens de cabelos brancos, que são sempre novos, como ha homens, ainda de cabelos pretos, que já são velhos. Tinha sido

da Cunha Barros. Ghegámos a Fontoura depois de uma travessia de tres quartos d'hora por entre pinhaes, que substituem hoje os ricos e quasi lendarios soutos do Minho. Ao transpormos as grandes e belas arvores que abrigam o presbiterio, vimos atravessar o adro um homem alto, espadaudo, desempenado, que nos fitou com um d'esses olhares que se nos abrem com a franqueza da porta de um amigo. Seguia-o um cão enorme, possante, lindo. De todos

3—Os habitantes do presbiterio de Fontoura no recinto destinado á creação d'aves.



1—A parte posterior da egreja de Fontoura 2—A egreja de Fontoura 3—Anexos da residencia paroquial

orador distinto, e a sua conversa cheia de erudição, de espirito e de naturalidade encantadora, destoava flagrantemente d'aquelle recanto, agreste e rude, embora belo, do Minho. Não o preocupava menos a felicidade terrena das suas ovelhas, do que a felicidade além da campa. Acima de padre, sentia-se n'ele o portuguez, de rara tempera, amando como poucos a sua patria n'aqueles que o rodeavam.

O seu passal era uma escola de jardinagem e agricultura em ponto pequeno. A sua adega encerrava os melhores tipos de vinho que se podiam fabricar na região. E tudo estava patente a quem queria, para aprender como se limpava e enxertava, como se podava, como se tratava e colhia, como se fabricava e conservava. Queria transformar a vida e condições de trabalho dos seus paroquianos á força de um ensino exemplificado.

No meio de tão comunicativo entusiasmo, só lhe notei um desalento ao apontar para uma larga malha verde escura salpicada de branco, ao longe, n'uma garganta da serra. Era a aldeia onde morava a familia, e cujos membros se revesavam em vir ás temporadas fazer-lhe um pouco de companhia e amenisar-lhe o isolamento. Então encontrava-se com ele uma sobrinha.

Desde essa época nunca mais vimos monsenhor Barros; mas sabemos que a sua organisação robusta e a sua vida regular continuam a triunfar dos anos. Sempre o

mesmo conselheiro bondoso e previdente, sempre o portuguez austero e franco, sempre o amigo devotado da familia e de todos aqueles que se lhe abeiram nos lances aflitivos da vida. Nas fugazes horas que estivemos em Fontoura, aprendemos muito, mas sentimos muito mais. E não vae ali ninguem que não venha com saudades d'aquela preciosa reliquia do padre portuguez.

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE D. ADELAIDE LIMA CRUZ

Brilhos e reflexos

A cigana

E' uma discipula de Carlos Reis. Educada na escola original d'este singular artista é por sua vez uma artista.

Tem nos seus quadros, quasi todos grandes telas, uma audacia. Ha anos appareceu na exposição do Gremio e era entre as senhoras expositoras a que revelava aquella qualidade intensamente como no seu quadro *Brilhos* e *Reflexos*.

A sr.ª D. Adelaide Lima Cruz apresentou agora entre outros quadros, a *Cigana*, que é um belo trabalho cheio de fidelidade e de côr.

Grande numero de pessoas teem visto essa excelente obra que foi encomendada para o Brazil onde a distinta artista já tem colocado outros d'um valor muito justamente apreciados.

Apraz-nos registrar nas paginas da *Ilustração* mais um triunfo de uma ilustre senhora portugueza, cuja preseverança e cujo talento se afirmam com verdadeiro brilho.

A artista no seu atelier

— *Une tasse de thé*, quadro de José Campas. 2—José Campas discipulo de Bonnat. 3—Adriano Souza Lopes. 4—O *cirio*, quadro de Adriano de Souza Lopes

(Clichés de Benoliel)